



# Blood and Chocolate

## Annette Curtis Klause

### Sinopse:

*Vivian Gandillon saboreia a mudança, a dor doce e poderosa que a leva de garota à lobo. Com dezesseis, ela é bonita e forte, e todos os lobos jovens estão em seu pé. Mas Vivian ainda está de luto por seu pai morto; seu grupo continua sem um líder e em desordem, e ela se sente perdida nos subúrbios de Maryland. Ela deseja uma vida normal. Mas o que é normal para um lobo? Então Vivian se apaixona por um garoto de carne-e-osso, bom e gentil, um alívio bem vindo do grupo briguento. Ele é fascinado por magia, e Vivian deseja se revelar para ele. Certamente ele iria entendê-la e deliciar a maravilha de sua natureza dupla, não teme-la como um humano normal faria. A lealdade dividida de Vivian é forçada ainda mais quando um assassinato brutal ameaça expor o grupo. Movendo-se entre dois mundos, ela não parece pertencer a nenhum dos dois.*

### Créditos:

#### Comunidade Traduções de Livros

[<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=25399156>]

Tradução: Luhh

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=9694531780152297579>]

Tradução: Georgina Sparks

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=8037477588694820716>]

Tradução: Juliana Dias

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=8037477588694820716>]

Tradução: Malena Sandim

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=3426443384753792966>]

Tradução: Camila

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=2017001099369128322>]

Tradução: Ana Motta

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=10962074873177382057>]

Tradução: Charlotte Elbourne

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=5728031770900856140>]

Revisão: Carla

[<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=10180029941660408428>]

## **Dedicatória e Citações**

*Um livro para mamãe, embora eu tenha certeza de que ela preferiria criaturas abraçáveis e educadas.*

“Você pode matar por você mesmo, e por seus companheiros, e por seus filhotes conforme eles precisarem, e você pode. Mas não matar pelo prazer de matar, e sete vezes, nunca matar homens!”

-Rudyard Kipling, “The Law of the Jungle” (A Lei da Selva)

“Em pânico, eu me apressei para um lado e para o outro. Eu tinha o gosto de sangue e chocolate em minha boca, um tão odioso quanto o outro.”

-Hermann Hesse, “Steppenwolf”

## MAIO

### Lua Fantasma



Chamas voavam alto, transformando a noite num inferno, com luzes circenses. Fagulhas tomaram o lugar das estrelas. O hotel secular era uma silhueta em frente ao inferno, tudo que Vivian conhecia era consumido pelo fogo.

Duas figuras irromperam da porta da frente, destruída, e correram em direção às árvores onde ela estava, suas vestes manchadas de fuligem, suas faces brancas com o terror. A pessoa que os tirou de lá desapareceu novamente ao entrar. Outra janela explodiu.

Três cabanas pegavam fogo também, e o celeiro. Cavalos gritavam de terror enquanto eles eram espantados dos estábulos por um punhado de adolescentes habilidosos.

Nas colinas de West Virginia, a milhas da cidade mais próxima, eles não esperavam que um carro de bombeiros chegasse.

Alguma mulher atrás dela lamentou-se e lamentou-se.

“Eles fizeram de propósito. Eles querem nos expulsar ateando fogo em nós.”

“Coloque-a em uma das macas,” uma voz masculina gritou. “Eu estou trazendo outro carro.”

“Cuidado com os atiradores,” uma voz feminina gritou de volta. “Eles podem estar querendo nos pegar quando sairmos.”

“Vá em direção a Maryland,” Vivian ouviu sua mãe dizer. “Nos encontraremos no Rudy.”

Vivian sentiu um puxão no seu braço. Sua mãe, Esmé, parou ao seu lado, ofegante.

“Eu coloquei Tia Persia em meu carro. Onde está seu pai?” Agora que se encontrava sozinha com sua filha, sua voz ficou aguda pelo pânico.

“Ele voltou para dentro,” Vivian respondeu suas palavras endurecidas pela fumaça e lágrimas. “Com Gabriel e Bucky.”

“Ivan!” Esmé impulsionou-se em direção ao prédio e Vivian segurou-a e apertou-a.

“Não! Vocês dois não podem ficar lá. Eu não suporto.”

Esmé lutou para se libertar, mas em quinze segundos, Vivian estava páreo a páreo com ela.

“Você não pode impedi-lo,” Vivian disse. “Ele jurou proteger a matilha.”

“Mas eu preciso estar ao lado dele,” Esmé implorou. “Eles são meu povo, também.”

*O que foi que eu fiz?* Vivian pensou. Se ao menos ela tivesse impedido os meninos talvez isso não tivesse acontecido. Se ao menos ela tivesse dito ao seu pai que eles estavam fora de controle.

Figuras surgiram pelo lado da casa. Bucky conduzia uma pequena e jovem mulher, não muito mais velha que Vivian. Gabriel segurava um fardo que gritava agudamente em seus braços.

O fogo rugiu sua vitória; então, com um estalo como se a espinha de um gigante tivesse se partido, uma viga central cedeu, e o telhado desabou em uma cauda de pavão feita de chamas e faíscas.

“Papai!” Vivian gritou.

Mas era tarde demais.

**Maio/Junho**

**Lua de verão**

**Ano seguinte**



**1**

"Mãe, você esteve brigando de novo."

Vivian encarou furiosa a mãe.

Esmé Gandillon repousava tranqüilamente em uma poltrona. Uma longa e magra perna estendida ao longo do braço. Ela se recusou a deixar de rir. Um corte em sua bochecha ainda sangrava ligeiramente.

"Você está horrível."

"É, mas você devia ter visto a outra vadia."

Esmé respondeu. Coçou luxuosamente a cabeça com as duas mãos, bagunçando seu espesso cabelo loiro. Vivian suspirou, e foi limpar o rosto da mãe com um lenço tirado de uma caixa na mesa de café. Ela iria arruinar seu belo rosto.

"Você e Astrid não podem deixar uma a outra em paz?" Isso tem sido assim desde que se mudaram de West Virginia há um ano atrás. Ela quase não conhecia mais a mãe de qualquer maneira. "Você pode?" Ela repetiu.

"Rafe procurou por você." Disse Esmé, ignorando a pergunta.

Vivian revirou os olhos. Isso era tudo que ela precisava. Ele não podia se mancar?

Esmé se sentou e olhou diretamente para a filha.

"Eu achei que você estava, com Rafe e com os outros."

"Não, eu não estava."

Ela gemeu com a idéia . Os cinco jovens machos que foram seus únicos companheiros de mesma idade provavelmente matariam o restante do bando se mantiverem-se do jeito que estavam.

"Então onde você foi?"

Vivian se virou para sair da sala. Desde quando sua mãe se preocupava tanto com o que ela fazia?

"Na cascata do rio. Pelas rochas." Disse ela por cima do seu ombro.

"O que você foi fazer lá?"

"Nada."

Enquanto ia embora, Vivian ouviu a mãe rosnar levemente de frustração.

Porque Esmé sempre tinha de falar sobre Os Cinco? Não entrava na cabeça dela que Vivian não queria andar com eles?

O familiar nó em sua garganta se formou, duro e apertado. O incêndio do ano passado foi culpa dos Cinco e do Axels. Ela esmurrou a porta de seu quarto. O lado de dentro da porta ficou estriado com marcas de garras. Ela estirou suas garras e arranhou outra linha.

Axel saiu e perdeu o controle, matando aquela garota.

Axel vinha agindo de modo selvagem na primavera passada, e dizendo coisas malucas. Ela ouviu ele e os Cinco se gabarem das visitas feitas na cidade á meia noite, onde eles perseguiram humanos nas sombras e os apavoravam estupidamente.

O que eles faziam parecia engraçado. Vivian fazia também. Mas rumores foram surgindo em torno da escola. As pessoas foram ficando nervosas. Vivian disse que talvez eles devessem deixar as coisas se acalmarem. Eles só zoaram dela. Em seguida Axel começou a ficar fora de si e alguma coisa parecia errada nele. Ele não falava muito. Isso favoreceu sua loucura.

*Eu estava quase apaixonada por ele*, Vivian pensou enquanto trocava suas leggings. *Rafe pensou que eu era a garota dele, mas eu adoraria dispensá-lo num segundo por Axel.* Ela suspirou com desgosto. *Se preocupar com Axel foi burrice.*

Ela tinha visto o seu comportamento ficar fora de controle e não tinha feito nada. Deveria ter contado ao seu pai o que eles estavam fazendo, mesmo se isso significasse que deixaria a si mesma com problemas.

Mas você não ia querer dedurar seus amigos, não é?

Depois da noite no Valentine's dance, Axel foi sozinho na cidade e matou uma menina na parte detrás da escola.

Vivian ainda sentia o calor de ódio quando ela pensava no que ele estava querendo ao fazer aquilo. Ela ficava pensando que ele a matou por uma razão fútil, como o desprezo da garota. *E ele poderia ter tido a mim*, ela pensou amargamente.

Ele deve ter se transformado de volta quando um aluno o viu encurvado sobre o corpo. Antes que Axel pudesse se dar conta que ele estava lá, o garoto deu no pé e chamou a polícia.

Os cinco resolveram ajudar. Mataram outra garota enquanto Axel estava na prisão. Eles não deixaram Vivian ficar ciente dos planos deles. Deduziram que ela tentaria os impedir. *E eu ia*, ela pensava. Mas ela não sabia.

“Como um garoto poderia ser coberto de pêlos? Como poderia um humano fazer tais ferimentos” o advogado da família defendia Axel. Com o novo assassinato cometido enquanto Axel estava na cadeia, alegaram que havia um animal selvagem á solta na cidade. Axel apenas encontrou o corpo e, apavorado, tentou fugir. O caso estava encerrado.

Mas alguém acreditou na história da testemunha, que um garoto se transformou em lobo, e mais tarde numa noite, a hospedaria desmoronou em chamas em seis pontos diferentes, e a fumaça preta escondeu a lua.

Por volta de 1600, seus ancestrais haviam fugido da histeria dos lobisomens na França para o esparsamente colonizado Novo Mundo, e ao final do século haviam se fixado na selvagem Louisiana. Na New Orleans do século dezanove os trigêmeos Verdun quebraram o boicote sobre carne humana e a matilha se mudou com afobação para a West Virginia, onde se uniram à eles os remanescentes de uma matilha alemã da Pensilvânia. Ano passado o apetite proibido apareceu novamente, e a matilha fugiu dos morros que haviam sido seu lar por cem anos, e chegou como fugitiva no subúrbio de Maryland – cinco famílias e mais outros agregados comprimiam-se na casa vitoriana em

ruínas do tio Rudy, em Riverview. Com sorte, ninguém os seguiria até aqui; eles podiam marcar novas trilhas.

A casa na Estrada Sion\* tinha se esvaziado gradualmente a medida que os outros encontravam empregos e lugares para ficar, até que abrigou somente Vivian, Esmé, e tio Rudy. Vivian pensou que à essa hora eles teriam feito planos para o futuro, mas agora a matilha toda parecia estar louca, inclusive sua mãe. Com mais da metade deles mortos, ninguém mais sabia o seu lugar. Havia constantes brigas. A sobrevivência dependia deles se organizarem, enquanto era decidido para onde se mudar e se fixar de vez, mas a qualquer momento a matilha podia explodir e ficar pêlo para todo o lado. Eles precisavam urgentemente de um líder, mas ninguém concordava em quem.

\* [Sion é um lugar imaginário considerado perfeito]

*Enturmar-se*, ela pensou. *Se eu ao menos pudesse.*

Verão passado ela havia se escondido em seu quarto e dormido na maior parte, e nas primeiras horas da manhã, a hora que os lobos vinham para casa para perder seu pêlo, Vivian ouvia sua mãe chorar inconsolavelmente na janela aberta de seu quarto por alguém que nunca mais voltaria para casa.

Porém, assim que seu segundo ano começou, Vivian começou a comer quase regularmente, e Esmé achou um emprego de garçomete no Tooley's, a espelunca local. Gradualmente não ficou tão difícil sobreviver dia após dia. Vivian não ficava mais exausta quando entrava pela porta as três e meia, e o dever de casa começava a fazer sentido.

Ela começou a olhar com desejo os grupos de garotos rindo juntos depois da escola ao redor do mastro da bandeira.

Primeiramente ela pensou, *Por que eu iria fazer amizade com pessoas que me matariam se soubessem o que eu sou? E se eu deixasse escapar meu segredo?* Mas o desejo continuou. Foi então que ela percebeu que ela não sabia como fazer amigos.

Ela sempre tivera a matilha ao seu redor, a matilha que agora se escondia em suas cavernas separadas. Eles sempre foram “as crianças da matilha”. Ela nunca tivera que procurar por companhia, a companhia sempre estivera ali. Os Cinco ainda estavam ao redor, é claro, mas agora ela não suportava ficar com eles, e eles não podiam mais ser amigos dela agora, de qualquer maneira. Todos eles a viam como uma companheira – seja legal com um, e os outros ficariam de cara feia e a repreenderiam. Lutar, lutar, lutar, era isso que prestar atenção neles significava.

*Eu quero outros amigos*, ela pensou. Mas ninguém parecia querer ela.

Ela ficou de pé na frente do espelho do seu closet usando uma camiseta e girou para um lado e para o outro. *O que há de errado comigo?*, perguntou.

Não havia nada de errado que ela pudesse ver. Ela era alta e tinha pernas longas, como sua mãe, com seios grandes, cintura pequena, e quadril delgado que tinha curvas o bastante para mostrar que ela era uma mulher. Sua pele era de um gentil dourado; era sempre dourado, com Sol ou não, e seu fulvo cabelo era grosso e longo e selvagem.

Então por que era que grupos de garotas paravam de falar quando ela se aproximava deles na escola e respondiam-na com palavras concisas que matavam a conversa que ela tentava começar? Ela era bonita demais? Isso era possível? Era essa a ameaça que eles viam? Ela era uma linda *loup-garou*, ela sabia – os Cinco uivavam para ela – mas o que os olhos humanos percebiam?

Os garotos cutucavam uns outros quando ela passava; ela os tinha visto de canto de olho. Eles a haviam notado. E ela podia entender porque um ou dois ficariam corados e gaguejariam se ela falasse com eles. Havia sempre meninos tímidos que morreriam se alguma garota os notasse. Mas aonde estavam os corajosos?

Homens ou mulheres, eles resistiam à ela. Eles podiam ver a floresta em seus



olhos, a sombra de seu pêlo? Seus dentes eram afiados demais? *É difícil não ser um lobo*, ela pensou.

Ela sentia falta das inclinações da montanha aonde os humanos ficavam bem longe e a matilha perto, e dificilmente precisara fingir.

*Eu não ligo*, ela pensou, girando ao redor. *Eu não preciso de humanos. Eu ainda tenho a matilha, e nós vamos nos mudar novamente logo*. Mas ela ligava. A matilha estava aos pedaços, e entre esses humanos ela era um lobo – *loup-garou* – e isso a fazia uma intrusa, alguém indesejável. *Mas eles gostariam de mim se tivessem tempo para me conhecer*, ela pensou. *Eles só não me conhecem*.

Ela se atirou em sua cama e esticou suas pernas no ar para admirar suas insinuantes curvas, segurando seu quadril para firmar-se para cima. Ela se esticou o máximo quanto pôde, os dedos do pé estirados, os dedos da mão alcançando, os músculos em uma doce tensão, quase tão doce quanto a mudança de pêlo.

“Eu sou forte,” ela sussurrou. “Eu posso correr com a noite e capturar o amanhecer. Eu posso fazer um buraco no céu.” E fez um golpe com um pé para provar suas palavras. Então se enroscou em formato de bola.

Sentia falta do seu pai – de seu conselho, de seu aconchego. Ela expôs seus dentes para a dor familiar.

De onde estava deitada, ela podia ver a parede intacta da qual ela tinha retirado os móveis e o painel que ela havia começado para consolar a si mesma e fazer desse quarto seu.

Sombras irregulares e grossas faziam da floresta algo selvagem, textura por textura; a Lua desenhada brilhava ferozmente. Havia vermelho retalhado na escuridão – olhos, sangue.

*Loups-garoux* corriam pelo luar, unidos em uma noite do passado de seus ancestrais. As histórias contavam que pelo ritual, sacrifício, e sacramento, eles abriam suas almas para o Deus da Floresta, o grande caçador que tomava a forma de um lobo. Para recompensá-los por sua devoção, seu companheiro, a Lua, deu-lhes o dom de serem mais do que humanos. Então eles podiam deixar de lado os pêlos de animais caçados e deixar crescer o seu próprio, abandonando suas facas de pedra e usando seus dentes. Os filhos dos filhos de seus filhos ainda carregavam a besta dentro deles, e todos eram súditos da Lua.

No centro do painel era onde ela se tornava parte da noite, aonde correria com a matilha de seus ancestrais. Mas agora toda vez que pegava o pincel, não conseguia continuar. Não conseguia se ver ali. Ela tinha um sonho regularmente sobre a pintura. Estava cercada pela escuridão e não conseguia ver os focinhos de animais a sua volta. Estava correndo, correndo, tentando alcançar a noite aberta, mas em seu redor, as enormes formas a comprimiam e arranhavam sua pele com seu pêlo áspero e grosso a medida em que a golpeavam e empurravam. E ela não conseguia deixar seu pêlo crescer. Era sempre o pêlo deles contra a pele dela, e ela acordava chorando.

Como querendo esquecer o sonho, tinha ficado obcecada por um tempo e criou uma dúzia de pinturas e desenhos menores da matilha que conhecera quando pequena. Eles revestiam seu closet e estavam empilhados no espaço entre sua penteadeira e a parede. Eles a ajudavam a manterem-na no passado. Eles a impediam de ficar louca.

O professor de arte achou que ela era uma dessas artistas punk e se empolgou sobre o poder do expressionismo.

*Notável Lua, ele se mijaria de medo se soubesse que meus temas são reais*, Vivian pensou jubilmente. Ele a havia convencido a submeter algumas cópias para revista literária da escola. Ela tinha rido no começo – mas por que não? E agora, para sua surpresa, havia uma de suas cópias perto do centro do *The Trumpet*. Vivian sorriu. E

não havia dúvidas de que esses humanos pensavam que seu trabalho era a visão muito descolada dos mortalmente modernos e perigosos.

Pensar nessa pequena aceitação empurrava a melancolia para longe, e ela se obrigava a buscar sua mochila e dar outra olhada. Deixaria a revista aberta na mesa da cozinha para que sua mãe visse amanhã, antes de ir trabalhar. Ela reconheceria a arte de sua filha? Ficaria orgulhosa?

A revista cheirava estranho e estava gelada em suas mãos. Achou sua pintura e devorou o resplendor dela, rápida e completamente. *Essas garotas na escola irão me notar agora?* ela pensou.

Nem tinha se dado ao trabalho de olhar com quem dividia o espaço. *O meu trabalho é melhor do que o dos outros?* perguntou agora. Um poema estava na página oposta a dela. Olhou para ele com suspeita. Uma porcaria de poema iria rebaixar o que ela havia feito, fazer isso parecer barato.

O título a assustou – “Mudança do Lobo.” Leu.

Corsário da madeira  
descarte a sua pele  
sua pálida e submissa  
vulnerabilidade.  
Corsário da madeira  
troque a sua pele  
por um couro pardo  
e um tigrado luxuoso.

Um pentagrama está queimando  
nos seus olhos  
e cordas suaves e pálidas  
de wolfbane\*  
espremem seu coração.  
Uma dor de trituração  
está torcendo suas coxas  
o esmigalhamento de ossos  
proclama o começo da mudança.

Pirata da carne  
jogue sua cabeça para trás  
e divida seu papo  
para cantar uma canção lunar.  
As trilhas da floresta são escuras  
a noite é longa.

*\*[tipo de planta venenosa, também conhecida como Aconitum Lycoctonum]*

Ela tremeu com um delicioso choque.

*Ele sabe*, ela pensou. *Ele sabe o que está na pintura*. Raiva avançou sobre a excitação e seus olhos se estreitaram. Quem era esse Aiden Teague? Por que ele saberia sobre as trilhas da floresta?

Mas estava intrigada. Talvez devesse procurá-lo e dar uma olhada nessa pessoa que escreveu sobre o esmigalhamento de ossos, ver se ela o aprovava.

E se não o aprovasse? Mandar os Cinco para cima dele? Ela riu suavemente, revelando pontudos dentes brancos.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

